



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS- PORTUGUES

IL

DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS-  
TEL LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

LUANA ANDRADE SANTOS DE SOUZA

**OS FRAGMENTOS DA PERSONAGEM TIETA DO AGRESTE**

BRASÍLIA

2021

LUANA ANDRADE SANTOS DE SOUZA

**OS FRAGMENTOS DA PERSONAGEM TIETA DO AGRESTE**

Monografia apresentada ao Departamento De Teoria Literária e Literaturas, da Universidade de Brasília, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura

Orientadora: Profa. Dra. Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa

BRASÍLIA

2021

*“A poesia não está nos versos, por vezes  
ela está no coração. E é tamanha.  
A ponto de não caber nas palavras.”*

*Jorge Amado*

## **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo observar a trajetória de vida da personagem Tieta no livro *Tieta do Agreste*, escrito por Jorge Amado, em 1977. A protagonista é narrada de forma fragmentada por outras personagens e pelo narrador, desde sua infância e expulsão da cidade até a volta para sua cidade natal. Tieta é extrovertida, alegre e tem uma personalidade marcante. Sua vivência é consolidada por meio das dificuldades enfrentadas no decorrer da sua vida.

**Palavras-chave: Tieta; narrador; Santana do Agreste; volta.**

## **AGRADECIMENTOS**

À Profa. Dra. Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa, que me orientou durante a escrita da monografia, sempre com muita dedicação, carinho e paciência, tornando a escrita do trabalho mais leve.

Aos meus familiares, em especial minha mãe, que sempre estiveram ao meu lado, demonstrando ao longo de todo o período de permanência na universidade.

Aos meus amigos e colegas, por compartilharem tantos momentos de descobertas e aprendizado e por todo o companheirismo ao longo do curso.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>1- COMO TIETA É VISTA</b>	<b>9</b>
<b>2- TIETA</b>	<b>13</b>
<b>2.1 - PASTORA DE CABRAS</b>	<b>13</b>
<b>2.2 - ANTONIETA ESTEVES CANTARELLI</b>	<b>14</b>
<b>2.3- MADAME ANTOINETTE</b>	<b>15</b>
<b>3. A VOLTA À SANTANA DO AGRESTE</b>	<b>17</b>
<b>3.1 - A IDEALIZAÇÃO DA CHEGADA</b>	<b>17</b>
<b>3.2 - A BRASTÂNIO</b>	<b>18</b>
<b>3.3- A REVELAÇÃO DO SEGREDO</b>	<b>20</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>22</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>23</b>

## INTRODUÇÃO

Tieta é uma das obras mais conhecidas de Jorge Amado. Publicado no período do regime militar, o romance aborda temas que se tornaram importantes no país, como preocupação com a natureza e, crítica às relações de poder e corrupção. Nos traz a percepção de aspectos do cotidiano dos personagens e da geografia da região. Os acontecimentos que se desenrolam na cidade envolvem disputas de poder, de interesses e conflitos que ocasionam mudanças nas relações sociais.

O ponto de partida era a questão ambiental. Durante uma festa de São Pedro, escutou um jovem político dizer que lutava para levar para lá uma fábrica; aos que argumentavam contra o projeto, respondia que não “se pode progredir sem poluição”. Jorge contava: “Não podia pegar o problema e botar a seco no livro”, “ficaria artificial, sem sentido”. A poluição entraria aos poucos, de leve no começo, tornando-se elemento central da metade do livro em diante. (AGUIAR, 2018: p. 240)

De acordo com a biografia de Jorge Amado, escrita por Josélia Aguiar, o autor foi um dos maiores escritores brasileiros e grande representante do regionalismo, marcando a segunda fase do Modernismo. Suas obras retratam cenários rurais e urbanos e os moradores da Bahia, com mais de 45 obras publicadas, incluindo romances, poesias, contos, crônicas, peças de teatro e literatura infantil.

A obra foi referência e um dos romances mais lidos no Brasil e no exterior: “Um monomotor sobrevoava as praias do Rio para, pela primeira vez na cena literária brasileira, fazer propaganda de um livro. Tieta do Agreste chegava às livrarias em outubro de 1977 (AGUIAR, 2018: p. 242”.

Escrito em folhetins e dividido em cinco episódios, o romance era publicado em jornais. Na capa do livro há uma pequena apresentação da obra: “Pastora de cabras ou a volta da filha pródiga, Melodramático folhetim em cinco sensacionais episódios e comovente epílogo: emoção e suspense! (AMADO, 1977)”.

Cada um dos cinco episódios constituem uma história complexa sobre os personagens, dos quais as vidas se cruzam. O primeiro episódio é denominado “Morte e ressurreição de “Tieta ou A filha pródiga”; o segundo “Das paulistas felizes em Sant’Ana do Agreste ou A viúva alegre”; o terceiro episódio “O progresso chega aos cafundós de Judas ou A Joana

D'Arc do Sertão”; o quarto episódio “Das festas de Natal e Ano-Novo ou A matriarca dos Esteves”; e o quinto e último episódio, “Do sol azul e da lua negra ou A rival de Deus”.

Da capital, está de volta a sua terra de origem, Santana do Agreste, depois de ter enriquecido e obtido influência política — a princípio, sabe-se que como mulher de um comendador àquela altura falecido. Fora pastora de cabras e expulsa dali depois que a irmã pudica contou ao pai suas aventuras amorosas. Saiu aos dezoito e reaparece 26 anos depois. O narrador aos poucos revela mais daquela filha pródiga que retorna, com avanços e recuos, e mudanças de ponto de vista. Como se passa numa cidade pequena, pensou num andamento vagaroso de contar. Se não modificasse o ritmo, daria para mil páginas. (AGUIAR, 2018: P. 240)

A obra foi adaptada pelo dramaturgo e escritor Aguinaldo Silva para a novela chamada Tieta, exibida na rede Globo entre 1989 e 1990, com a atriz Betty Faria como a protagonista. A abertura contava com a música de Luiz Caldas, denominada Tieta do Agreste, cujo a letra descreve a personalidade da protagonista.

Em 1996, é lançado o filme Tieta do Agreste, também foi baseado na obra, tendo como intérprete da protagonista a atriz Sônia Braga e, em sua trilha sonora, uma música de Caetano, que recebeu o nome de Luz de Tieta, uma crítica à época e perfeita tradução do folhetim de Jorge Amado.

O narrador, que é onisciente, não apresenta muitas características sobre Tieta, mas oferece traços, falas e gestos marcantes que nos trazem a imagem da protagonista. Durante a narrativa, é possível identificar diversas características da protagonista, que mesmo apresentada por terceiros e em fragmentos, proporciona ao leitor a compreensão de sua personalidade.

Cândido, em O discurso e a cidade, ressalta que o objetivo do crítico é observar o comportamento ou o modo de ser: “ O alvo é analisar o comportamento ou o modo de ser que se manifestam dentro do texto, porque foram criados nele a partir dos dados da realidade exterior” (CANDIDO, 1993)”.

O presente trabalho foi dividido em três capítulos: o primeiro, retrata como Tieta é vista pelos demais personagens e pelo narrador antes de sua volta à cidade natal; o segundo traz a protagonista e todas as suas facetas; e o terceiro e último, a tão esperada volta da personagem. O objetivo foi observar a vida e personalidade da personagem Tieta e o impacto que sua volta causa à Santana do Agreste.



## 1- COMO TIETA É VISTA

Este capítulo se refere ao perfil da personagem Tieta pelo olhar das demais personagens na narrativa de Jorge Amado.

Inicia o narrador, na fase inicial do primeiro episódio, com uma advertência:

Começo por avisar: não assumo qualquer responsabilidade pela exatidão dos fatos, não ponho a mão no fogo, só um louco o faria. Não apenas por serem decorridos mais de dez anos mas sobretudo verdade cada um possui a sua, razão também, e no caso em apreço não enxergo perspectiva de meio-termo, de acordo entre as partes. (AMADO, 1977: p. 2)

Antonietta, conhecida em Santana do Agreste como Tieta, é descrita como uma menina travessa e muito bonita. Ajuda o pai, Zé Esteves, com as cabras e as admira pela liberdade sexual. Inicia sua vida sexual com um mascate nas dunas da praia de Mangue Seco, colocando em prática aquilo que apreendeu do trabalho com as cabras. Namoradeira, enfrenta o que for preciso para viver seus romances.

O narrador é onisciente, narra a história em terceira pessoa e, às vezes, faz intromissões em primeira pessoa. Sabe tudo sobre as personagens e enredo, adentra na realidade de cada personagem, conhecendo suas emoções e pensamentos. Chega até a revelar os pensamentos das personagens, em primeira pessoa, fazendo uso do discurso indireto livre. Se refere constantemente ao leitor, fazendo pausas para explicar algumas partes da história e personagens. É possível sentir proximidade com o narrador da obra através de sua percepção irônica da narrativa, com uma linguagem cheia de ambiguidades.

O modo como a narrativa é conduzida distingue-se neste romance dos três outros do ciclo do cacau que operam na terceira pessoa. O narrador, ao contrário de se tornar invisível, está presente, e não raro dirige-se ao leitor para justificar, por exemplo, por que algo entra ou não no rol de sucessos ali registrados; é a interlocução entre narrador e leitor que se estabeleceu desde Tieta do Agreste. (AGUIAR, 2018: p. 259)

Desde muito cedo, a personalidade, sensualidade e beleza de Tieta são invejadas. Depois de iniciar sua atividade sexual e se envolver com vários homens, é descoberta pela sua irmã, Perpétua, que a denuncia ao pai. Tieta, atrevida, enfrenta a denúncia da irmã e a fúria do pai, que a expulsa do Agreste a cajadadas:

[...] atrevida desde menina, pastora de cabras nos oiteros da terra sáfara de Zé Esteves; a saltar, adolescente, a janela noturna para encontrar-se com homens [...] audaciosa, desleixada dos preceitos de Deus, igreja só pra namorar, a rir tão cínica e bela, na boléia do caminhão, rumo da Bahia [...] (AMADO, 1977: p. 36-37)

Após ser expulsa da cidade, Tieta parte para a Bahia. Após 10 anos sem notícias, começa a se comunicar através de cartas e cheques para ajudar a família, que não tinha boas condições financeiras. Ajudando o pai e a madrasta Tonha, sua irmã caçula, Elisa, que nem chegou a conhecê-la e Perpétua, irmã mais velha. que tem dois filhos, Peto e Ricardo, que estuda para ser padre. O que se sabe de Tieta é apenas o que se lê nas cartas. Tieta, agora, se mostra casada e rica, moradora de São Paulo.

Quanto às perguntas, nem sombra de resposta, resumindo Antonieta a informar que, Graças a Deus, gozava saúde, casara-se e era feliz, apesar de não ter filhos. Sobre o marido, nome, profissão, idade, nenhuma palavra. Endereço? Nenhum melhor, mais seguro, do que a Caixa-Postal 6211, toda correspondência para ali dirigida, chegaria em suas mãos. No transcurso de mais de um decênio, as relações epistolares entre Tieta e a família mantiveram -se absolutamente regulares: uma carta por mês de cada lado, a de São Paulo, poucas linhas, papel e envelope e cor, perfumados. Variando a cor de ano para ano, o perfume mudara uma única vez. Mais suave e discreto o último, estrangeiro, com certeza. A quantia do cheque crescendo, não por causa da inflação. (AMADO, 1977: p. 42)

No primeiro episódio do livro encontramos os demais personagens da obra discutindo sobre fragmentos da personalidade e vida da protagonista. Ninguém sabia realmente como Tieta estava 26 anos após ser expulsa da cidade.

Elisa, a meia irmã mais nova, filha da união de Zé Esteves e Tonha, não chegou a conhecê-la, era muito pequena quando Tieta partiu. Idealizava a irmã, tão rica e bonita, como as moças das revistas. Revistas essas que Tieta enviava de São Paulo para a irmã, Também enviava vestidos luxuosos para que a irmã caçula usasse, alguns destes Perpétua tomava e vendia. Tieta enviava parte do valor do cheque para Elisa e Astério, esposo da irmã caçula, para ajudar na criação de seu filho. Filho este que não vingou. Elisa temia que a verdade fosse descoberta, pois precisava do dinheiro para se manter.

Zé Esteves, pai de Tieta, diante tanta bondade da filha, chega até a esquecer toda a chateação e vergonha que Tieta lhe causou quando jovem.

Nos últimos anos, sobretudo após o casamento, começara a idealizar a figura da ausente, espécie de gênio bom heroína de conto da carochinha, imagem fugidia, quase irreal, a se fazer concreta no auxílio mensal, nos esporádicos presentes. [...] Elisa construiu pouco a pouco imaginário retrato da irmã, fada alegre, bela e bondosa, habitando um mundo rico e feliz. (AMADO, 1977: p. 10)

Perpétua, desde sempre muito temente ao catolicismo, outrora julgava o jeito libertino de Tieta. Perpétua, 26 anos depois, não mudara sua visão sobre a irmã. Agora, viúva do major, de quem recebia uma pensão e aluguéis de casas pela cidade, não necessitava do dinheiro, mas o esperava todos os meses. Seu filho mais velho, Ricardo, que está no seminário para se tornar padre, não tem custo algum com o curso, mas Perpétua usa de desculpa para garantir mais dinheiro vindo da irmã rica.

Ricardo, em segredo, também trocava cartas com a tia até então desconhecida. Sabia apenas o que comentavam sobre ela, a imaginava como uma senhora, agora já com cabelos brancos: “[...] imprecisas, fugazes notícias, tia desconhecida, quase uma abstração. Não obstante ninguém tão concreto, presente, indispensável na vida de cada um deles e de toda a família. a tia de São Paulo, a ricaça. (AMADO, 1977: 30)”.

Carmosina, amiga de infância de Tieta, viu uma foto numa revista e logo reconheceu a amiga. Loira, rica, casada, oferecendo jantares para a alta sociedade de São Paulo. Guardou a revista para ter a lembrança da querida amiga.

A carta enviada todos os meses junto ao cheque, de repente, não chegou. Os dias se passaram e nada da carta. A família começa a se preocupar em como irá se manter sem aquela renda garantida por Tieta. Perpétua começa a achar que Tieta morreu e tenta convencer a todos com esta ideia, planejando até mandar celebrar uma missa para a alma da irmã e procura um juiz para a divisão da herança que lhe cabia. Ricardo reza pela tia e faz até promessas, caso esteja viva. Elisa teme que possa ser verdade, não quer acreditar. Mas Carmosina não se dá por vencida, e acredita que logo Tieta dará notícias.

Após um tempo, finalmente a carta chega à cidade e Carmosina, funcionária dos correios, lê a carta antes mesmo de entregar à família, com o velho truque de abrir a carta no vapor da chaleira. Após ler boas notícias, entrega para Elisa, também sua amiga, a carta com a boa nova: Tieta está voltando “Abriram o envelope, lá estavam o cheque e as novidades sensacionais [...] Antonieta anuncia próxima chegada.” (AMADO, 1977: 69).”

Tieta voltaria à Santana do Agreste, com a triste notícia do falecimento de seu esposo, Felipe Cantarelli. Chegará à cidade em breve, levando consigo Leonora, uma das filhas do seu falecido esposo. A família e Carmosina vibram com a novidade. A notícia da volta de Tieta se espalha por toda a cidade: “A notícia não atinge e comove somente a população urbana; espalha-se por todo o município, despertando curiosidade e interesse das mansas margens do rio as encapeladas vagas do mar atlântico, “[...] Ninguém ficou indiferente (AMADO, 1977: p. 74)”.

Mesmo apresentada de forma segmentada, é possível, em vários momentos, ter uma ideia convincente da personagem como mulher real. Em a Personagem do romance, Cândido ressalta:

Geralmente, da leitura de um romance fica a impressão duma série de fatos, organizados em enredo, e de personagens que vivem estes fatos. É uma impressão praticamente indissolúvel: quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino — traçada conforme uma certa duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente. O enredo existe através das personagens; as personagens vivem no

enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuítos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam. (CANDIDO, 2011: p. 51)

Tieta é descrita de duas formas: a primeira, Tieta do Agreste, pastora de cabras, menina inexperiente. Depois, Tieta Cantarelli, que retorna após 26 anos, a sua família e os moradores da cidade chegam e ignorar seus atos quando jovem no momento em que percebem quem ela se tornou: “Louvou o coração puro daquela que, tendo merecido os bens do mundo, não esquecera a família distante, a terra onde nascera (AMADO, 1977: p. 65).”

## 2- TIETA

### 2.1 - PASTORA DE CABRAS

Tieta chega a Santana do Agreste 26 anos depois de ter sido expulsa pelo pai, quando era pastora de cabras, aos 16, por ter se envolvido com rapazes na cidade. No presente capítulo, será explorada a personalidade da protagonista.

Tieta é descrita pelo narrador como uma cabra no cio: “Nas dunas de Mangue Seco, Tieta, pastora de cabra, conheceu o gosto de homem, mistura de mar e suor, de areia e vento. Quando o mascate a arrombou, igual a cabrita horas atrás ela berrou. De dor e de contentamento (AMADO, 1977: p. 5)”.

A narrativa se desenrola nos tempos passado e presente. No passado, as demais personagens da narrativa recordam a vida de Tieta, enquanto jovem em Santana do Agreste. Seus comportamentos escandalizam a cidade. No presente, em sua volta, apresenta-se como viúva, rica e generosa. Agora, é considerada santa pela comunidade da cidade. Tieta conquista a admiração de seus familiares e dos moradores de Agreste: “A fama da riqueza e da generosidade de Tieta alastra-se como erva ruim, veleja nas águas do rio, viaja nos lombos dos burros, alcança as fronteiras de Sergipe (AMADO, 1977, p. 127)”.

Devido ao fato de não se inserir nos moldes esperados para o comportamento das mulheres da comunidade da cidade, Tieta contraria os costumes da comunidade da cidade. Quebra esse padrão ao se entregar aos de homens sem casamento, apenas por desejo e prazer. Como é possível notar na seguinte fala da protagonista: “Fui cabra viciada não havia homem que me desse abasto (AMADO, 1979: p. 82)”.

Para Tieta, a posição de sua família, principalmente de seu pai perante sua volta não passava de hipocrisia, para manter as aparências, conforme ela relata: “[...] Tieta se interroga: valera a pena vir? Sim, valera a pena, apesar do fingimento e da hipocrisia, da ambição e das discórdias da família Esteves, escondidos sob o manto da modéstia e da paz [...] (AMADO, 1979, p. 372)”.

Perpétua casou-se com um major. É a mais interessada em receber a herança da presumida morte da irmã. Ao saber que a irmã estava viva, arrumou a casa para a chegada, a hospedou por interesse e, caso Tieta adotasse um de seus filhos, fez uma promessa:

Se Antonieta adotar pelo menos um dos meninos, Perpétua se compromete a deixar para a igreja, em testamento, uma das três casas herdadas do Major, a menorzinha [...]. Se Antonieta tomar Ricardo ou Peto, como filho e herdeiro, qualquer deles [...], Perpétua se dirigirá à Basílica, na Colina Sagrada, onde mandará rezar missa [...]. Se a irmã adotar os dois a missa será cantada. (AMADO, 1977, p. 170)

A irmã caçula, Elisa, o pai obrigou a casar aos 16 anos, por medo que seguisse os caminhos de Tieta: “Foram-lhe proibidos rio e mar na meninice [...]. Zé Esteves [...] tornara-se intransigente – basta uma puta na família, advertia o bastão em punho (AMADO, 1977 p. 171)”.

Após a morte de Zé Esteves, Tieta faz uma contraposição entre sua vida em São Paulo e em Santana do Agreste e constata que a vida em São Paulo é mais verdadeira: “Lá, os sentimentos, como os corpos, são expostos. Aqui, a cada passo, ela tropeça em simulação, engano e falsidade [...]. Mundo de fingimento e hipocrisia, em acirrada luta de ambições tacanhas (AMADO, 1977: p. 369)”.

A madrasta, Tonha, tem a mesma idade, 44 anos e sempre foi amiga de Tieta. No entanto, abatida pelo tempo e pela vida difícil que levava ao lado de Zé Esteves. Tieta lembra quando deu suporte para a madrasta após a morte do patriarca da família:

Num canto da sala, silenciosa, apagada, de repente velha sem idade, mãe Tonha. Junto ao marido viveu silenciosa e obediente, quase trinta anos. Que vai ser de mim, agora? Fique descansada, mãe Tonha, nada há de faltar. Tinha as duas a mesma idade naquela madrugada da partida de Tieta na boléia do caminhão [...]. Já não são da mesma idade: moça, [...] e vistosa, a alegre viúva do comendador paulista; velha e definhada, magra e sofrida, a viúva do arruinado criador de cabras. (AMADO, 1977: p. 365)

É considerada uma heroína por ajudar a família, porém, na própria família, Tieta percebe o interesse. A mentira da protagonista não deveria ser incriminada, uma vez que sua própria família vive de aparências.

Tieta voltou à cidade, com o intuito de saber quem teria se tornado caso não tivesse sido expulsa da cidade: “Por isso vim nessa viagem [...]. Para pegar as duas pontas do novelo e dar um nó, ligar princípio e fim. Quero apenas mergulhar no que fui, saber como seria se eu tivesse ficado em Agreste em vez de ter ido pra São Paulo (AMADO, 1977: p. 143).”

## **2.2 - ANTONIETA ESTEVES CANTARELLI**

Antonietta Esteves Cantarelli, apresenta-se como uma mulher rica e viúva de Felipe Cantarelli, para que seja respeitada e aceita por sua família e pela comunidade de Santana do Agreste. Durante a narrativa, fica clara a construção dessa personagem com a intenção de ser aceita pela sociedade.

Este fragmento de Tieta é criado a partir das pretensões dos familiares e sociais da cidade. Porém o que a leva a ser considerada uma heroína, no fim, não é a posição social que adquire como Antonietta Cantarelli, mas sim a fidelidade às suas raízes e a forma como encaixa seus fragmentos às suas necessidades.

Para Cândido, a personagem vive o enredo e as ideias, e os torna vivos:

[...] os três elementos centrais dum desenvolvimento novelístico (o enredo e a personagem, que representam a sua matéria; as “ideias”, que representam o seu significado, — e que são no conjunto elaborados pela técnica), estes três elementos só existem intimamente ligados, inseparáveis, nos romances bens realizados. No meio deles, avulta a personagem, que representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificações, projeção, transferência etc. (CANDIDO, 2011: P. 51)

### 2.3- MADAME ANTOINETTE

Dona do prostíbulo Refúgio dos Lordes, esse fragmento de Tieta é a mulher firme e generosa. A protagonista conquistou esse espaço por meio Felipe Cantarelli, o seu cliente fixo com quem ela passou a ter um relacionamento.

Felipe ajuda a personagem na compra do local quando Tieta lhe pede dinheiro emprestado. O prostíbulo era chamado de Nid d' Amour e comandado por Georgette, onde Tieta apenas trabalhava. A protagonista pede o dinheiro a Felipe quando Georgette coloca o local à venda. Após a compra, Tieta e Felipe decidem inovar o local, transformando-o no Refúgio dos Lordes.

Tieta altera o nome do lugar, pois considerava que o antigo nome era indecente “– Nid d' Amour cheirava a casa de puta. Refúgio dos Lordes é mais decente. São todos uns lordes, os meus fregueses” (AMADO, 1977: p. 181).

Para caracterizar o novo espaço e sua nova fase, Tieta muda de nome e passa a usar Madame Antoinette, e cria uma identidade para esse fragmento:

[...] Francesa nascida nas Antilhas do casamento de um General de La Republique com uma mestiça. Educada em Paris, desperdiçando charme, mestre no ofício de escolher mulheres, especiarias para o gosto caro dos fregueses, os mais ricos de São Paulo, Dieu Merci. Para duas ou três raparigas, que como Leonora, habitam permanentemente no Refúgio dos Lordes, é Mãezinha, exigente e generosa, temida e amada. (AMADO, 1977: p. 182)

Felipe possuía influência sobre Tieta, na sua vida pessoal e também na parte financeira. A ensinou sobre investimentos, um deles era o Refúgio dos Lordes. Ajudou a protagonista na construção, ensinou como investir os rendimentos e a administrar o dinheiro, fazendo com que Tieta enriquecesse.

Embora tenha mudado de nome, para Felipe, Tieta sempre foi a mesma: “Para Felipe não mudei de nome, fui sempre Tieta do Agreste até o fim” (AMADO, 1977: p. 174).

Este fragmento de Tieta é necessário para que seu negócio atinja patamar elevado, conquistando notoriedade em São Paulo. Sobre isso, a protagonista aponta: “Os fregueses fizeram-se amigos, o prestígio do randevu cresceu, freqüentar o Refúgio dos Lordes tornou-se

privilégio mais disputado do que ser sócio do Jockey Clube, da Sociedade Hípica dos clubes mais fechados de São Paulo (AMADO, 1977: p. 181-182)”.

No mesmo estabelecimento de classe alta, com fregueses da mais alta sociedade, Tieta possui seu espaço reservado e luxuoso, reservado a ela. Felipe era cada vez mais presente na vida de Tieta, envelhecendo ao lado dela. Madame Antoinette, fragmento criado pela influência de Felipe, possuía elementos característicos de Tieta.

Em Agreste, Tieta observa que a comunidade não almeja mudança e é acomodada com a vida simples que leva. Em São Paulo, Tieta agora é independente e administra seus negócios: “Antes Tieta, a pastora de cabras, a soltar o berro de desejo nos cômodos de Mangue Seco. Agora é madame Antoinette, patroa de raparigas, caftina a serviço de milionários (AMADO, 1977: p. 328)”.



### 3. A VOLTA À SANTANA DO AGRESTE

#### 3.1 - A IDEALIZAÇÃO DA CHEGADA

Tieta, que antes era julgada por ser imoral, se torna uma heroína. Até esquecem de suas atitudes enquanto morava na cidade quando observam o que ela é hoje: mulher viúva, trabalhadora, independente, influente na política. Neste capítulo será abordada a volta de Tieta e o impacto que trouxe para Santana do Agreste.

Ao criar essa imagem para seu retorno, a protagonista imaginou que muitos comportamentos não houvessem mudado, daí a criação da mentira, a face da viúva. A protagonista pensa na idealização sua volta e como realmente foi:

Apaga o lampião, deita-se, cadê o sono? Ali está ela, outra vez em Agreste em busca da moleca Tieta, pastora de cabras. Andara longo caminho, pisara pedras e cardos, rompera os pés e o coração, antes de começar a subir, a ganhar, juntar e aplicar dinheiro sob a orientação de Felipe, a ter propriedades e a ser senhora de seu nariz. Durante todos esses vinte e seis anos, imaginara a volta ao Agreste, sonhara com esse dia. Recorda o embaraço do desembarque, aflora-lhe aos lábios um sorriso: a família de luto fechado, ela ostentando blusa e turbante vermelhos, Leonora em delave azul, esposa e filha sem coração, desnaturadas. Ao chegar em casa, dissera em brusca explicação: para mim luto se carrega e no peito, coisa íntima; a dor da ausência não se exhibe, nem a saudade; assim eu penso mas cada um deve pensar como quiser e agir de acordo. (AMADO, 1977: p. 113)

Tieta chega a São Paulo com o intuito de ser prostituta de luxo, mas sendo muito nova e inexperiente, sofre até se tornar quem é. O retorno de Tieta mostra à família e à cidade seus artifícios de mulher informada:

Sua terra, seu princípio, ali começou. Nos outeiros de Agreste, pastora de cabras, nas dunas de Mangue Seco, coberta pela primeira vez. Sua terra? Seu começo, sim. Sua terra porém é São Paulo, a cidade imensa, afarista, poluída, solitária. Lá estão plantados seus interesses: o negócio rendoso, o mais fechado e caro randevu do Brasil, o Refúgio dos Lordes [...] (AMADO, 1977: p. 328)

Agora, de volta a Santana do Agreste, a protagonista se decepciona:

O mundo de Agreste, aparentemente simples e pacífico, revela-se mais difícil e convulso do que o mal-afamado universo do meretrício onde ela se movimenta entre putas, rufiões, cáftens, gigolôs [...] Lá, os sentimentos, como os corpos, estão expostos. Aqui, a cada passo, ela tropeça em simulação, engano e falsidade; ninguém diz tudo o que pensa nem demonstra por inteiro seus desígnios; todos encobrem algo por interesse, medo ou pobreza. Mundo de fingimento e hipocrisia [...] (AMADO, 1977, p. 360)

### 3.2 - A BRASTÂNIO

Em seu regresso ao Agreste, Tieta presencia um momento importante na vida da comunidade local: a vegetação, a praia, dunas e a paz da praia de Mangue Seco se tornam alvo de uma empresa poluidora, a Brastânio, Indústria Brasileira de Titânio.

Santana do Agreste já foi uma terra de muito progresso e movimento comercial, situada entre a Bahia e Sergipe, às margens do rio e se estendia até o mar, era o centro de abastecimento de toda uma região: “Navios e escunas vinham até à altura da barra de Mangue Seco, paravam ao largo, as alvarengas recolhiam a carga. De Agreste, no lombo dos burros, as mercadorias partiam no rumo do sertão (AMADO, 1977, p. 83).”

Durante muito tempo, a cidade teve movimento, até construírem uma estrada de ferro que ligava Salvador ao estado de Sergipe. Depois disso, raramente os navios e as escunas desembarcavam e, quando acontecia, era apenas para contrabando. A cidade não recebia nada, somente a ilha de Mangue Seco. A rodovia se tornou apenas 48 quilômetros de poeira e lama, fazendo Santana do Agreste entregar-se de vez ao cultivo de mandioca e criação de cabras “Nem trem-de-ferro, nem caminhões, nem sobra de estação ferroviária ou rodoviária, onde as moças namorem (AMADO, 1977, p. 85)”.

Os moradores de Santana do Agreste se orgulhavam do que havia no local: a qualidade da água, o clima e a beleza. Acreditava-se que essas qualidades atrairiam turistas à procura de uma vida na natureza, transformando-se em uma cidade turística. Por outro lado, o que incomodava a comunidade era o atraso e a pobreza, fazendo aqueles que tinham ambições e projetos de crescimento saírem da cidade, na maioria, os jovens.

A oportunidade de mudança acontece quando a Brastânio decide se instalar em Mangue Seco, o que tornaria a cidade capaz de competir com outros centros industriais. A instalação dessa indústria prometia crescimento da renda e empregos para os moradores, levando ao fim da pobreza e trazendo de volta os tempos de fartura e movimentação da cidade.

Com os boatos da instalação da indústria, os moradores da cidade se dividem em dois grupos: um grupo almeja o progresso da cidade, que vai atrair turistas; e o grupo que prefere preservar o lugar. Mesmo aqueles que sabiam dos riscos que a instalação da fábrica podia trazer, vislumbravam as possibilidades de desenvolvimento econômico daquela localidade.

O discurso daqueles que defendiam a instalação da fábrica divergia das ações. As regiões mais ricas do país se negaram a recebê-la, empurrando-a para a região Nordeste, como forma de solução para se livrarem dos problemas que a fábrica poderia causar. O

personagem Ascânio, prefeito da cidade, aprova a implantação da fábrica, almejando os prováveis efeitos positivos como soluções para os problemas de Santana do Agreste e acreditando nos relatórios técnicos que dizem: “Nenhum perigo de poluição. Perigo nenhum. Os baianos podem dormir descansados, o governo está vigilante e não permitirá ameaças às terras, às águas e ao ar, nos limites da Bahia (AMADO, 1977: p.346)”.

O narrador busca mostrar problemas reais sobre a instalação de uma fábrica e as alterações provocadas na vida e nos costumes dos moradores de uma comunidade, porque como foi citado na introdução, a intenção de Jorge Amado ao escrever a obra era abordar a questão ambiental.

Os diferentes posicionamentos e os jogos de interesses decorrentes da notícia da instalação da fábrica se tornaram uma confusão. No fim, a fábrica nem chegou a ser instalada e aqueles que defendiam a instalação, se decepcionaram com a informação.

Para a protagonista, a praia de Mangue Seco representa onde viveu suas aventuras amorosas nas suas duas fases, antes e depois de São Paulo. Primeiramente, com o mascate, que a fez mulher; na segunda, vinte e seis anos depois, vive por vontade própria e com consentimento, um incesto com Ricardo, seu sobrinho. Nas duas situações, Tieta se entrega por puro prazer, para atender aos seus desejos.

[...] Depois o mascate apareceu e a menina aceitou o convite para o passeio de lancha, vinte minutos de rio, cinco de mar agitado e o esplendor de Mangue Seco. O homem a derruba sobre as folhas dos coqueiros, suspende-lhe a saia, arranca-lhe a calçola, trapo sujo. De joelhos sobre ela, enterra o chapéu na areia [...], abre a braguiha. A menina o deixa fazer o que quer que ele o faça. (AMADO, 1977: p. 12)

Que importam idade, parentesco, batina de seminarista? Uma mulher, um homem, eternos. Aqui, nas dunas, chiba em cio, um dia distante ela começou. [...] Hoje, cabra de ubre farto, cansada do bode Inácio, defloradora de cabritos. (AMADO, 1977: p. 189)

Desamarradas as coxas, separaram-se a vida e a morte, cada uma para seu Lado, deixando de ser única coisa o ato de morrer e o de ressuscitar. Antes compunham um corpo único, um só foguete explodindo no alto dos céus, desfazendo-se em luz sobre as vagas do mar. – Ai, tia, o que foi que a gente fez? Que é que eu fiz? Me desgracei e desgracei a senhora. (AMADO, 1977: p. 193)

A força do poder de Tieta é mostrada quando Ascânio volta de uma viagem a Paulo Afonso, cabisbaixo, depois de sequer ter sido recebido pelo diretor da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco, a quem iria formalizar o pedido de instalação da energia elétrica na cidade. Foram necessários apenas dois telegramas para políticos de São Paulo, assinados por Tieta do Agreste, como era conhecida na capital paulista, para que chegasse a notícia de que Santana do Agreste fosse inclusa.

O regresso de Tieta não tem qualquer ligação a um desejo de vingança nem a acerto de contas, mas apenas para ser amada e em defesa de um paraíso que se vê perdido sob o impacto da poluição.

### **3.3- A REVELAÇÃO DO SEGREDO**

Para cada necessidade, Tieta utiliza de um fragmento da sua personalidade. Para reivindicar a luz na cidade, utiliza-se da esposa, correta. Para proteger Mangue Seco da indústria poluidora, utiliza a face da menina travessa que era quando jovem. Quando volta para São Paulo, utiliza do seu fragmento de cafetina ao levar uma menina consigo para se prostituir em seu bordel, o Refúgio dos Lordes.

O ciclo narrativo da protagonista termina com a volta às propostas do princípio, contidas no final do primeiro capítulo, quando o narrador dialoga com o leitor: “Agradecerei a quem me elucidar quando juntos chegarmos ao fim, à moral da história. Se moral houver, do que duvido (AMADO, 1977: p. 5)”

A notícia que a fábrica não seria instalada naquela cidade e sim numa praia próxima a Salvador, coincidiu com a descoberta que a ilustre Tieta era dona de um bordel de luxo em São Paulo, jamais havia sido casada com Felipe Cantarelli e Leonora, além de não ter o sobrenome Cantarelli, era uma das raparigas do bordel de Tieta.

Não haveria mais fábrica nem Tieta voltaria a morar ali. Não havia mais clima para Tieta permanecer na cidade Além do segredo desvendado, a família descobriu que havia acontecido um romance entre ela e o sobrinho Ricardo, que era seminarista. Ter um filho padre era o sonho de Perpétua, que ainda tentou uma indenização a parte de Tieta por ter desviado seu filho.

Zé Esteves havia morrido dias antes da divulgação da verdade sobre a vida da filha. Tieta voltou para São Paulo, saindo de Santana do Agreste na mesma marquete que a levou quando expulsa e a trouxe para de volta visitar a família.

A inauguração da luz da Usina de Paulo Afonso aconteceu com festa. A rua que se chamava antigo Caminho da Lama, na entrada da cidade, recebeu uma placa azul com o nome do Diretor-Presidente da Hidrelétrica do São Francisco. A placa sumiu durante a noite. Surgiu outra de madeira, feita de forma artesanal e anônima: “Mão do povo: RUA DA LUZ DE TIETA (AMADO, 1977: p.590)”.

Tieta só é aceita pela comunidade da cidade enquanto finge ser o que não é. Foi embora de Santana do Agreste, desta vez para nunca mais voltar, levando consigo, como

herança, o cajado de seu pai: “[...] aparece Peto, traz o bordão do velho Zé Esteves, herança de Tieta: – Esqueceu o cajado, tia. – Baixa a voz e acrescenta: – Vou sentir saudades (AMADO, 1977: p. 573)”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como propósito observar a personagem Tieta, que nos é apresentada de modo fragmentado. No início da obra é apresentada pelos demais personagens da obra, quando adolescente e moradora na pequena cidade. Durante toda a narrativa, há a apresentação também através do narrador, que penetra na história e muitas vezes dialoga com o leitor. E por último, temos a visão da protagonista por si própria e através de suas ações, quando volta à Santana do Agreste.

O narrador nos mostra por meio das ações e comportamentos, fragmentos de conversas e sequência de atos o caráter da personagem. Durante a leitura da obra é possível observar que, mesmo narrada de forma fragmentada e entre todas as suas faces, Tieta não muda. Como ela mesmo diz: sempre Tieta do Agreste.

Tieta possui uma dualidade em sua vivência: a Tieta do Agreste, pastora de cabras inexperiente; e a Antonieta Esteves Cantarelli, rica, viúva e bem sucedida. É possível dividir a protagonista em antes e depois de São Paulo.

É uma mulher considerada à frente de seu tempo para a época em que a narrativa é criada, é importante na cidade, influente na política, causando admiração das pessoas ao seu redor.

A história de Tieta, assim como as de outros romances de Jorge Amado, nos traz a reflexão sobre as diferentes situações que envolvem a realidade. A história da protagonista coloca, na nossa frente, temas que envolvem administração, ecologia, política e corrupção, e, além de confrontar a moral, confrontam, também nos traz a ideia de ética e uma reflexão sobre a difícil questão da prostituição.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Josélia. **Jorge Amado: uma biografia**. Bahia: Editora Todavia, 2018.

AMADO, Jorge. **Tieta do Agreste**. Rio de Janeiro: Record, 1977.

CANDIDO, Antônio. A personagem do romance: In: **A Personagem de Ficção**. 2a edição. São Paulo: Perspectiva, 2011. Pp. 51-80.

CANDIDO, Antônio. Prefácio. In: **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas cidades, 1993. Pp 9-15.

RIBEIRO, João; CALMON, Antonio; DIEGUES, Carlos; et al. **Tieta do Agreste**. AdoroCinema. Disponível em: <<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-137796/>>. Acesso em: 18 Nov. 2021.

Tieta – **Memória. Globo.com**. Disponível em:

<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/tieta/>. Acesso em: 18 Nov. 2021.